

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA
30 de Maio de 2022

FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É RETRATO? / 2017

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização: Jorge Silva Melo *Fotografia:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho *Montagem, Grading:* Miguel Aguiar *Mistura de som:* Nuno Carvalho *Documentalistas:* Catarina Lopes Vicente, Daniel Fernandes *Decoração:* Rita Lopes Alves, Thomas Kahrel *Assistente de imagem:* César Casaca *Obras audiovisuais (excertos):* FERNANDO LEMOS – ATRÁS DA IMAGEM (Guilherme Coelho), O BARALHO DE FERNANDO LEMOS (Rica Saito) *Pinturas:* Fernando Lemos, António Dacosta, António Pedro, Fernando Azevedo, Marcelino Vespeira *Com:* João Pedro Mamede, João Gabriel Pereira; Fernando Lemos, Jorge Silva Melo (não creditados).

Produção: Artistas Unidos, (Portugal, 2019) *Direcção de produção:* Manuel João Águas, Pedro Jordão, Miguel Matos *Primeira apresentação pública:* 15 de Fevereiro de 2018, na Fundação Calouste Gulbenkian *Cópia:* ficheiro digital, cor, falado em português, 76 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA incluímos nesta “folha” a transcrição de um texto de Jorge Silva Melo versando a série dos seus “filmes de artista” que termina com o retrato de Fernando Lemos, tal como está disponível na página electrónica dos Artistas Unidos.

Um conjunto retratista de pessoas de quem gostava, que conhecia bem, todas elas cúmplices do efeito fotográfico. Não é uma expressão de Jorge Silva Melo falando da série dos filmes-retrato que foi realizando na intimidade das obras dos artistas que filmou atravessando, na deles, a sua própria visão biográfica e histórica. É de Fernando Lemos (1926-2019), nascido e criado em Lisboa, que recusou o medo, “a educação para o medo” que reconhecia no Portugal da ditadura do salazarento Estado Novo, radicando-se no Brasil, “país da criatividade” a partir de 1953. Participava dos círculos surrealistas de Lisboa, e organizara, no ano anterior, uma exposição com obras suas, de Marcelino Vespeira e Fernando Azevedo, dedicada pelos três a António Pedro, que deu brado e fez história na Casa Jalco, ao Chiado. Também provocou escândalo. Fernando Lemos começou a achar que o seu lugar era longe, a reparar como era sistematicamente seguido por agentes da polícia política num cerco que julgava provinciano. Deixou tudo por sentir ter de partir, só voltou a Portugal com a liberdade conquistada em 1974, mas brevemente. Viveu como quem tem duas pátrias, “mais um português à procura de coisa melhor”, como lhe ouvimos dizer em FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É RETRATO?

Fernando Lemos, que este retrato filmado de Jorge Silva Melo nas duas pátrias do retratado veio de certa maneira resgatar a um esquecimento português (resgate entretanto firmado com a publicação, em 2019, do livro da colecção Ph. 04, dedicado à sua obra fotográfica), diz “conjunto retratista” quando fala dos retratos fotográficos feitos *à sombra da luz* (título da exposição antológica no CAM em 1994) a importantes personalidades artísticas portuguesas, entre 1949 e 1952. Eram seus amigos, companheiros na seriedade e na brincadeira, pessoas com quem alinhava e que alinhavam com ele, como se percebe ouvindo-o comentar as tantas e tão esplêndidas fotografias, fabricadas na composição ou na percepção do instante em que tudo se conjuga ligando o olho ao disparo do

fotógrafo. São mais as que cabem na primeira categoria, incluindo o auto-retrato de 1949 (*Eu auto-retrato*) em que uma aparente nuvem de fumo envolve a sua cabeça, permitindo a flutuação de uma carta de tarot com uma figura pendurada de cabeça para baixo: a iluminação e uma “cabeleira de lã vidro” participam da teatralidade do retrato, conseguida por exposições múltiplas sobre o negativo, *falando* do onirismo da imagem, do surrealismo do trabalho do artista, de uma posição às avessas no mundo. Foi a fotografia que, num gesto provocatório, certa vez tentou entregar num cartório para o passaporte – história que conta neste filme de Jorge Silva Melo, visivelmente divertido. É lá para o fim, não sem antes propor a sua leitura da imagem como um disfarce, o clarão da última luz da lâmpada que nesse momento se extinguiu. “É uma coisa de morte, de tragédia, que é o clima em que a gente vivia em Portugal. O nosso confinamento não era muito diferente de quem está morto.”

As palavras não são meigas. Embora não tragam mágoa, tenham a doçura da pronúncia luso-brasileira, carregam uma história de lucidez e exílio, também de vitalidade. Fernando Lemos, que passa um bom bocado de tempo a desfiar espiritualmente o que foi sendo, de “estudante, serralheiro, marceneiro, estofador, impressor de litografia...” a “...designer de feiras industriais, cenógrafo, pai de filhos, bolseiro”, afirma também que se considera, sobretudo, um gráfico, fazedor do “gesto que estampa”. As entradas da especialidade dizem-no artista multidisciplinar, mais associado, em Portugal, à dimensão surrealista da sua fotografia e, no Brasil, ao trabalho no desenho, mas também à produção como poeta e escritor, com exercício de redactor do jornal *Portugal Democrático* (entre 1955 e 1975), criado por exilados políticos portugueses. COMO, NÃO É RETRATO? é sim, e um retrato bastante revelador. Nele cabe a pluridisciplinaridade artística de Lemos, o percurso biográfico, o contexto histórico que liga a experiência portuguesa dos tempos de guerra, com racionamentos e refugiados, a guerra e o tempo de ditadura e esse tempo ao surrealismo, o surrealismo à prática fotográfica, às exposições, à consciência do fechamento pardacento, à escolha da criatividade como modo de vida, à dupla cidadania, ao espanto.

Abrindo na banda sonora que se antecipa uns segundos à outra banda, FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É RETRATO? parte de uma imagem fixa a preto-e-branco, sobre uma vista aérea da rua do Sol ao Rato, em que Fernando Lemos nasceu vizinho de Alfredo Marceneiro, e vai-se compondo no movimento de duas vozes, a de Fernando Lemos, a de Jorge Silva Melo. A primeira pessoa de Lemos é mais constante, *off* e *in*, captada nos dois momentos balizadores do filme (uma primeira entrevista em Lisboa, 2009, num quarto de hotel cenografado como espaço familiar; uma segunda em 2017, na sua casa-atelier em São Paulo). A do realizador intervém como noutros destes seus filmes-retrato, estabelecendo ligações, comentando o trabalho do artista e as suas perspectivas sobre ele (por hipótese, aproximando as fotografias de Fernando Lemos aos retratos de ausência de Columbano), implicando-se pessoalmente na narrativa. Construído no espaço de tempo que mediou os dois momentos de entrevista, ou melhor, as duas entrevistas, o filme localiza-se nesses mesmos dois tempos, integrando imagens de arquivo além de imagens das obras *in loco* em exposições olhadas por visitantes que voltam a poder ser actores (como no retrato de Ana Vieira, *E O QUE NÃO É VISTO*, mas aqui o itinerário é percorrido por João Pedro Mamede).

Jorge Silva Melo quis muito fazer o retrato filmado de Fernando Lemos, artista de quem conhecia o percurso e ouvia falar desde os anos 1950, de quem lembra as exposições do início dos anos 1970 na Quadrum (a colectiva inaugural da Galeria) e na Dinastia (de pintura). Também Glicínia Quartin Ihe foi falando de Fernando Lemos, do atelier da Avenida da Liberdade que era um lugar de artistas e

encontros. A mesma Glicínia a quem Fernando Lemos fotografou na fragilidade e na determinação nos anos 1940. A amiga a quem, já no século XXI, Jorge Silva Melo filmou o retrato acrescentando uma actriz à galeria dos artistas plásticos António Palolo, Joaquim Bravo, Nikias Skapinakis, Álvaro Lapa, Bartolomeu Cid dos Santos, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, Sofia Areal, antes de Fernando Lemos na ordem cronológica das produções iniciadas em 1995 na *oficina* dos Artistas Unidos. O elenco de nomes, a que há a acrescentar, pelo menos, os do núcleo de artistas associados aos anos iniciais da cooperativa de gravadores portugueses Gravura e todos os trazidos para a narrativa do auto-retrato filmado AINDA NÃO ACABÁMOS, corresponde ao que um dia, estava a coisa em curso, Jorge Silva Melo referiu como a probabilidade de “uma espécie de vista do mundo que eu conheci” falando dos protagonistas dos seus filmes-retrato como pessoas “que transformaram alguma coisa neste país, ou a minha vida, durante a minha vida”.

No último plano, dita e vista, a dedicatória mandada por Fernando Lemos a Jorge Silva Melo algures num daqueles dias em que se correspondiam, diz uma coisa parecida – “Aos que me habitam”. É curioso que o filme que remata a *série-retratista* de Jorge Silva Melo tenha um tal desfecho, como se fosse uma coincidência.

Maria João Madeira

Alguns Rostos, Alguns Gestos

Jorge Silva Melo

Tenho esta certeza: não foi cinzento, foi vibrante o que foi acontecendo, o que, mesmo que timidamente, foi sendo inventado a partir daqueles sufocantes anos 50 deste Portugal ainda com uma ditadura que não mais caía. No silêncio dos seus ateliers – ou só quartos –, à margem ou de costas voltadas para as escolas oficiais que quase todos renegaram ou frequentaram com o tédio sumptuoso da juventude, desenharam-se percursos singulares, obstinados, consistentes, ousados, abertos ao mundo – e que hoje ainda se movem, intransigentes, firmes. Sim, nas artes o mundo abria-se. Seria pobre, pequeno, estreito, nem nos anos 50 nem em meados dos 60 havia “mercado”. E, no entanto, é deles que veio o meu mundo, deram-me a visão. Filmar estes artistas, o Nikias Skapinakis, a Ana Vieira, o Bartolomeu Cid dos Santos, o Ângelo Sousa, o António Sena, o Joaquim Bravo, o Álvaro Lapa, o José de Guimarães, o Fernando Lemos, tão diferentes todos, tão singulares todos, cada qual tão único, foi filmar obras diferentes, pessoas únicas (e quase todas reservadas) fazer filmes diferentes, ouvir (filmar é ouvir) diferentes músicas, ousar fazer retratos daqueles que tanto se esquivam. E vê-los quando tanto começou, quando começou a Gravura, essa cooperativa. Esta é também a minha história, também foram estes artistas que me fizeram. E eu queria contar isso, contar o que eles me contaram. E continuar a filmar. Olhem, a Sofia Areal. Ah, como eu gosto de a ver inventar o mundo, como gosto de a ver pintar.

texto disponível na página eletrónica dos Artistas Unidos, numa versão datada de 2017, apresentando um ciclo dos 11 filmes sobre artistas produzidos pelos Artistas Unidos, “um retrato sensível das artes em Portugal na segunda metade do século XX”, na Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva entre Janeiro 2017 e Janeiro de 2018